

HISTÓRIA EM QUADRINHOS: FERRAMENTA PARA LEITURA E ESCRITA DE TEXTO NA SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

COMICS: TOOL FOR READING AND WRITING OF TEXT IN THE CLASSROOM OF PORTUGUESE LANGUAGE

Denise Porto CARDOSO¹

Maria de Lourdes Oliveira ALMEIDA²

RESUMO: À luz de uma perspectiva que busca integrar leitura, escrita e avaliação, este estudo busca apresentar a importância do trabalho com histórias em quadrinhos (HQ) para o aflorar do potencial criativo do discente do ensino fundamental. Do ponto de vista teórico, realça pesquisas como as de Antunes (2003), Cagliari (1990; 2009), Passarelli (1995;2011), Ramos (2011) e outros, que defendem uma abordagem reflexiva no ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Metodologicamente, prioriza o planejamento e a aplicação de uma sequência didática, a qual fora testada numa turma de 6.º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Vitória de Santa Maria, em Aracaju/SE. Ancorada numa abordagem processual, tal sequência primou por: i) apresentar a estrutura e as características das HQ; ii) solicitar a leitura e a escrita desse gênero pelos alunos; iii) observar os níveis de leitura e escrita dos alunos por meio de teste de entrada e saída, a partir de critérios estabelecidos em um barema proposto a esse fim. De maneira geral, a sequência se revelou como uma prática de ensino que possibilita aos discentes conhecimento de elementos linguísticos, de textualização e pragmáticos, necessários ao desenvolvimento da habilidade de escrita exigida pela sociedade letrada do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias em quadrinhos. Leitura. Escrita. Sequência didática.

ABSTRACT: In light of a perspective that seeks to integrate reading, writing and evaluation, this study seeks to present the importance of working with comics (HQ) to the emergence of the creative potential of elementary school students. From the theoretical point of view, it highlights researches such as Antunes (2003), Cagliari (1990; 2009), Passarelli (1995; 2011), Ramos (2011) and others, who defend a reflexive approach in reading writing. Methodologically, he prioritized the planning and application of a didactic sequence, which had been tested in a 6th grade class at the State School of Vitória de Santa Maria, Aracaju / SE. Anchored in a procedural approach, this sequence was characterized by: i) presenting the structure and characteristics of the HQ; ii) request the reading and writing of this genre by the students; iii) to observe the levels of reading and writing of the students by means of entrance and exit test, based on criteria established in a

1. Doutor em Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Professora Titular da Universidade Federal de Sergipe (UFS). denipoc@uol.com.br. ORCID: <https://orcid.org/000-0003-4591-7210>.

2. Mestre em Letras (PROFLETRAS) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Professora de Língua Portuguesa do Estado, em Aracaju, Sergipe, Brasil. marlu.o.almeida@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5215-7219>.

barema proposed for this purpose. In general, the sequence has proved to be a teaching practice that enables students to acquire knowledge of linguistic, textual and pragmatic elements necessary for the development of the writing skills demanded by the literate society of the 21st century.

KEYWORDS: Comics (HQ). Reading. Writing. Didactic sequence.

Introdução

No dia a dia de sala de aula, nota-se cada vez mais o desinteresse por parte dos discentes pela leitura e pela escrita, que somente as fazem por obrigação e em troca de notas. Uma das alternativas que têm colaborado para a diminuição dessa realidade é a inclusão de leitura e produção de história de quadrinhos em sala de aula, na medida em que os alunos costumam sentir um interesse espontâneo por ler e por escrever, sem maiores condições de troca e/ou premiação. Eis um dos pontos sobre o qual falaremos no transcurso deste artigo.

Entendemos que a leitura é ferramenta indispensável para a educação de qualquer indivíduo, pois “... é um meio indiscutível para o acesso ao saber, contribuindo para dar sentido à vida escolar, social e profissional. Mas também é um meio de transportar o leitor para outros mundos, de aguçar sua imaginação” (PASSARELLI, 2011, p. 34). Da mesma sorte, a escrita está presente no processo de ensino e aprendizagem do aluno. Para uma boa escrita, a leitura é o ingrediente indispensável, pois, à medida que a leitura amplia o repertório vocabular, aguça a imaginação criativa e colabora para a proficiência na produção escrita. Em outras palavras, defende-se, aqui, uma perspectiva processual de escrita, segundo a qual esta atividade requer prática e envolve esforços, os quais são mediados pela leitura e por outras ações de natureza cognitiva. Foge-se, então, de ideias referendadas por um longo período de tempo, como a de que escrever seria mais inspiração que transpiração.

Assim concebida, deve o professor trazer metodologias que facilitem o contato do aluno com o universo multifacetado da escrita, a fim de que os alunos sejam mais produtivos quanto ao uso da língua e, claro, fiquem mais bem ambientados e aptos a lidar com um cenário de múltiplos letramentos. A par desta necessidade, buscou-se dar vez a um trabalho centrado na produção de histórias em quadrinhos (HQ). Tal proposta foi motivada pela natureza lúdica desse gênero, sobretudo pelos recursos linguísticos utilizados como elementos constitutivos, entre eles, os balões, as onomatopeias, os sinais de pontuação, além da relação dialógica entre imagem e texto verbal, a qual provoca uma maior aproximação com a leitura e a escrita.

Não fossem apenas esses peculiares, a utilização de quadrinhos em sala de aula abre inúmeras possibilidades de discutir e praticar a leitura e a escrita, de modo a fomentar o processo criativo dos alunos na produção de suas próprias HQ. Por essa razão, foi pensada uma sequência, que teve como parâmetro o modelo de Schneuwly e Dolz (2004), e fora desenvolvida em uma turma do 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Vitória de Santa Maria em Aracaju/SE, onde foram abrigadas atividades vinculadas projeto Histórias em Quadrinhos na sala de aula, desenvolvido no âmbito do Profletras-SE, unidade de São Cristóvão.

1. O que dizem os documentos

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, publicados em 1997, sobre o domínio da língua e o acesso aos saberes linguísticos necessários aos alunos do ensino fundamental, enfatizam que os alunos tenham “plena participação social” que lhes garanta “o acesso a saberes linguísticos necessários para o exercício pleno de sua cidadania” (BRASIL, 1997, p. 23).

As *Diretrizes Curriculares Nacionais* (BRASIL, 1998) apresentam as cinco grandes experiências curriculares, gradativas e crescentes do Ensino Fundamental: 1) o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; 2) a consecução plena da alfabetização, entendida tanto como performance e desempenho como apreensão do significado social e político do conhecimento de novos códigos sociais, suportes da interlocução com o mundo; 3) a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da economia, das tecnologias, das artes e das culturas, tendo como base os direitos humanos que fundamentam a sociedade; 4) o desenvolvimento das capacidades de observar fenômenos, computar dados, problematizar situações, analisar processos e funções e, portanto, conhecer por interlocução e experiência, o que leva à formação de novas atitudes e valores; 5) o fortalecimento dos vínculos de família, em seus variados formatos contemporâneos, dos laços de solidariedade humana e de respeito recíproco em que se assenta a vida social.

Como afirmado no Parecer CNE/CEB no 11/2010 (que estabeleceu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental), o conceito de qualidade da educação é uma construção histórica que assume diferentes significados em tempos e espaços diversos. Além disso, tem relação com os lugares de onde falam os sujeitos, os grupos sociais a que pertencem, os interesses e os valores envolvidos, os projetos de sociedade em jogo.

A Constituição Federal do Brasil (1988) tem como objetivo fundamental a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, a erradicação da pobreza e a promoção do bem de todos sem preconceitos, o sistema nacional de educação. Portanto, a Constituição também enseja contribuir tanto para o desenvolvimento econômico e social quanto para a diminuição das desigualdades sociais e regionais.

Em contínuo diálogo com a LDB, DCN e PCN, a *Base Nacional Comum Curricular* (BNCC), homologada em dezembro de dois mil e dezessete (2017), enfoca que se enfatizem as competências gerais e específicas de cada área do conhecimento. No tratamento dado ao ensino de Língua Portuguesa, destacamos a competência que compreende a língua como patrimônio: “Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem”. Ao adotar o enfoque no desenvolvimento das competências, a BNCC indica o que os alunos devem “saber” e “saber fazer”, considerando a construção de conhecimentos / mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (BRASIL, 2017). Essas orientações asseguram definições para aprendizagens essenciais.

Um dos grandes desafios das aulas de Língua Portuguesa é apresentar aos alunos o misterioso mundo da leitura e fazê-los ter prazer e necessidade por ler. Mostrar-lhes que por intermédio da atividade leitora se descobre literalmente uma nova pessoa dentro de si, muitas vezes inertes ou adormecidas. A “...aquisição da leitura é imprescindível para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda nas pessoas que não conseguiram realizar essa aprendizagem” (SOLÉ, 1998, p. 33).

Então, a leitura é a principal atividade que a escola deve ensinar aos alunos, ela será a herança que o ser humano carrega consigo por toda a vida. Podemos dizer que a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas (CAGLIARI, 2009).

Para despertar o gosto e o compromisso com a leitura, ao professor compete lidar com estratégias de envolvimento e convencimento. “A leitura continua a ser tida como atividade fundamental na escola, mas ainda carece de pedagogias eficazes” (PASSARELLI, 2011, p. 21). Tais pedagogias devem servir de alicerce para a prática leitora e precisam ser interessantes e desafiadoras, algo que, se aprendido, dará autonomia e independência. Se a leitura é libertária, ela requer esforço, de forma que para aprender a ler é necessário ler, e esse processo se realiza ‘lendo’.

Para Solé (1998), há dois modelos no processo da leitura, o ascendente (*bottom up*) e o descendente (*top down*). O primeiro processa os componentes do texto: letras, palavras, frases etc. de maneira sequencial, para levar à compreensão do texto. Esse modelo tem foco na decodificação do texto, porém para a autora “ler não é decodificar, mas para ler é preciso saber decodificar” (SOLÉ, 1998, p.52). No segundo, o leitor com conhecimentos prévios faz uma leitura com antecipação do assunto de forma a possuir opiniões já construídas sobre o tema. O leitor não lê letra por letra, mas de maneira global, em decorrência de habilidades anteriores.

A escrita sem a leitura não tem sentido, pois esta existe com o propósito de ser lida e interpretada, ou seja, a leitura completa a atividade da produção escrita. Muito do que se extrai de uma leitura é embasada em conhecimentos prévios (ANTUNES, 2003). Diante das ideias dos autores chegamos à conclusão de que numa leitura não bastam os elementos gramaticais, é necessário que o leitor tenha uma bagagem, que o ajude na compreensão das ideias propostas.

No trabalho com a leitura, cria-se uma situação favorável para o desenvolvimento de estratégias e a assimilação de novos recursos linguísticos e discursivos, cujo conhecimento e utilização auxiliam o aluno em suas produções e nas interpretações textuais. Conforme sugerem os PCN (BRASIL, 1997, p. 96), “espera-se que o aluno seja capaz de ajustar sua leitura a diferentes objetivos utilizando os procedimentos adequados [...] consideradas as especificidades do gênero no qual o texto se organiza e do suporte”.

Até meados do século XX, alfabetizado era todo indivíduo capaz de escrever o próprio nome. Ainda nesse mesmo século, a definição de alfabetização segundo a UNESCO ampliou-se para aquele que é capaz de ler, escrever com compreensão um enunciado curto e simples sobre a vida cotidiana. Na medida em que o analfabetismo é superado, um número cada vez maior de pessoas aprende a ler e a escrever, concomitantemente a sociedade se torna mais centrada na escrita. Percebemos um novo fenômeno, não basta aprender a ler e a escrever, é necessário incorporar a prática da leitura e da escrita, para adquirir competência para usá-las e envolver-se com as práticas sociais de escrita (SOARES, 2016).

Aprender a escrever é uma tarefa que requer esforço por parte dos alunos e do professor, para que o aprendizado vá além da simples tarefa de assinar o nome, que era considerado critério necessário e suficiente para dizer que um brasileiro sabia escrever. A principal meta da escola no que diz respeito ao ensino de português deve ser ensinar aos alunos a escrever para inseri-los de vez nas práticas e nas situações de letramento existentes em nossa sociedade.

2. Histórias em quadrinhos como recurso

As histórias em quadrinhos apresentam um caráter lúdico e artístico, misturando texto e imagem, o que contribui para o desenvolvimento de capacidades envolvidas na leitura e na produção de textos que utilizam diferentes linguagens. Segundo Vergueiro (2007, p. 31), “as histórias em quadrinhos constituem um sistema narrativo composto por dois códigos que atuam em constante interação: o visual e o verbal.” Sendo assim, os códigos visual e verbal não podem ser pensados separadamente, uma vez que para uma leitura e compreensão eficaz das HQ é necessária a interação entre as linguagens.

Esse gênero, além de entreter, pode contribuir para o aprendizado de outros conteúdos escolares como das áreas de Geografia, História, Ciências e, principalmente, conteúdos e habilidades relativos à Arte, à Língua Materna e Estrangeira. Por fim, trata-se de um gênero que tem grande potencial de mobilização junto aos alunos, já que a leitura e, sobretudo, a produção de HQ demandam uma atitude protagonista da parte deles. Para Schneider (2011, p. 24):

O trabalho interdisciplinar com os quadrinhos decorre da ligação produtiva entre as artes visuais, como a criação de personagens e as expressões fisionômicas. Já a leitura e escrita do texto residem na tentativa de transmitir conhecimentos ao leitor, enquanto participa do processo de criação e produção dos quadrinhos de forma bem humorada e explicitando neles questões cotidianas.

A inclusão das HQ em sala, nesse caso nas aulas de Língua Portuguesa, possibilita a cada aluno desenvolver, principalmente, sua capacidade de leitura intersemiótica (ler e relacionar imagem e texto), a percepção de efeitos de sentido decorrentes de escolhas feitas em vários níveis (e nas várias linguagens), a capacidade inferencial. Tal condição imprime a necessidade do trabalho com letramentos multissemióticos, os quais são entendidos como

[...] leitura e a produção de textos em diversas linguagens e semioses (verbal oral e escrita, musical, imagética [...], corporal e do movimento [...], matemática, digital etc.), já que essas múltiplas linguagens e as capacidades de leitura e produção por elas exigidas são constitutivas dos textos contemporâneos (ROJO, 2009, p. 119-120).

O emprego das histórias em quadrinhos é reconhecido pela LDB/96 (Lei de Diretrizes e Bases), pelos PCN/98 (*Parâmetros Curriculares Nacionais*) e BNCC/2017 (*Base Nacional Comum Curricular*). No Brasil, após a avaliação do Ministério da

Educação, muitos autores de livros didáticos passaram a incluir em suas produções a linguagem dos quadrinhos com o objetivo de diversificar a linguagem de textos informativos. Com isso, observamos o uso cada vez mais frequente dos quadrinhos por professores e alunos, evidenciando benefícios para o ensino e garantindo sua presença nas práticas pedagógicas.

A inserção dos quadrinhos, como gênero textual nos livros didáticos, ocorreu de maneira tímida. Todavia, a constatação dos bons resultados obtidos com a utilização dos quadrinhos fez com que autores e editoras incluíssem as HQ com maior frequência nos materiais escolares.

Nas HQ, a narrativa se organiza em forma de diálogo, construído por meio de balões, criando uma comunicação mais imediata entre as personagens e o leitor. A localização dos balões e os contornos são elementos imprescindíveis na narrativa. O balão é um dos principais componentes de uma HQ, pois é nesse espaço que estão as falas das personagens que em junção com as imagens irão transmitir a ideia para o leitor. “O balão é a interseção entre imagem e palavra” (VERGUEIRO, 2008, p. 56), é a ferramenta que traz o contorno do pensamento. Como mais de uma personagem pode falar no mesmo quadro de uma HQ, o rabicho é um prolongamento do balão até o personagem para indicar quem está falando. A ordem das falas a serem lidas é da parte superior esquerda até a parte inferior direita, tais convenções são necessárias para facilitar e uniformizar a leitura dos textos (VERGUEIRO, 2008).

Nas histórias em quadrinhos, a mensagem a ser passada não é somente transmitida via fala dos personagens ou texto dos balões, há também os sons das cenas (quadro) caracterizados nas narrativas por meio das onomatopeias. O uso das onomatopeias ocorre também dentro dos balões, para indicar que o ruído foi emitido por determinada personagem (RAMOS, 2011). A forma como as letras estão grafadas pode conotar gritos, nos casos em que elas estão em negrito ou em fonte grande.

Dessa forma, a utilização dos quadrinhos em sala de aula abriu inúmeras possibilidades de discutir e praticar a leitura e a escrita, com o fomento do processo criativo dos alunos para produção de suas próprias HQ. Para isso, foi necessário que se ensinassem as técnicas de criação e que a partir daí os alunos dominassem os elementos composicionais de uma história em quadrinhos. Esses elementos são argumentos, roteiro, esboço de páginas, lápis, arte final, letreiramento e colorização. A seguir, informações sobre a metodologia aqui endossada.

3. Metodologia

A proposta ora em evidência foi desenvolvido no Colégio Estadual Vitória de Santa Maria, localizado no bairro Santa Maria, na cidade de Aracaju, estado de Sergipe. A escola oferece ensino regular do 6º ano do Ensino Fundamental (EF-2) a 3ª série do ensino médio (EM), sendo este último ofertado na modalidade integral em dois turnos (matutino e vespertino) e na modalidade regular no turno da noite.

A matrícula inicial para o ano letivo de dois mil e dezessete foi de 1086 alunos, sendo 515 do Ensino Fundamental, distribuídos em dezesseis turmas, e 571 do Ensino Médio distribuídos em dezenove turmas (12 do ensino médio convencional e 07 do ensino integral). A escola apresentou um resultado de 3,2 de média nas avaliações do IDEB no ano de 2015, já no ano de dois mil e dezessete 2017 obteve média 3,0, ou seja, teve um declínio nas notas. A meta atualmente para a escola é de 4,3, média ainda considerada baixa, pois, esperava-se atingir 6,0 (IDEB/INEP, 2017). Esse resultado corrobora com a situação diagnosticada na produção escrita dos estudantes da série em estudo.

O corpo docente da escola é formado por professores com nível superior, graduados em suas respectivas áreas, alguns com mestrados, outros com especialização. A turma selecionada para esta pesquisa é composta por 36 alunos, sendo 23 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, matriculados para cursar o 6º ano do (EF-2), no turno matutino. Quanto ao quesito idade/série, os estudantes estão dentro da regularidade prevista no sistema educacional brasileiro.

A sequência de atividades foi realizada em julho de dois mil e dezoito, durante dez aulas, como ferramenta que favorecesse ao aluno o aprendizado da leitura e da escrita de maneira lúdica. Partimos de discussões socioambientais sobre a temática “o uso consciente da água”.

Quadro 1 - Sequência Didática para elaboração de HQ

Módulos (Aulas)	Atividades	Utilizados Recursos	Duração média
Atividade Diagnóstica	- Aplicação de um questionário oral sobre HQ. - Escolha do livro didático tema para produção das HQ. - Leitura inicial sobre o tema proposto.	Cópias da atividade diagnóstica. Livro de história em quadrinhos.	50 minutos
Da Imagem à Escrita	- Atividade para leitura de imagens. - Produção de textos a partir de imagens. - Explicação sobre conteúdos ortográficos e gramaticais.	Cópias de histórias em quadrinhos sobre a natureza.	150 minutos

Análise da produção textual	- Verificação relação temática imagem - escrita. - Análise de cada quadrinho. - Revisão dos erros ortográficos cometidos	Material utilizado em aula anterior.	50 minutos
Leitura de outras HQ	- Leitura de outras HQ. - Revisão de erros nas histórias.	Livros de histórias em quadrinhos.	100 minutos
Produção de HQ	- Produção de HQ sobre o uso consciente da água. - Apresentação de todas as atividades desenvolvidas.	Folhas em branco. Lápis colorido, régua.	150 minutos

Fonte: Autoria própria.

Nas duas primeiras aulas, realizou-se a contextualização das HQ, foi selecionada, no livro didático, a história em quadrinhos de Novelli. Ecologia em quadrinhos, página 196, por trabalhar com a linguagem visual o tema da preservação ambiental.

Figura 1 - Ecologia em quadrinhos

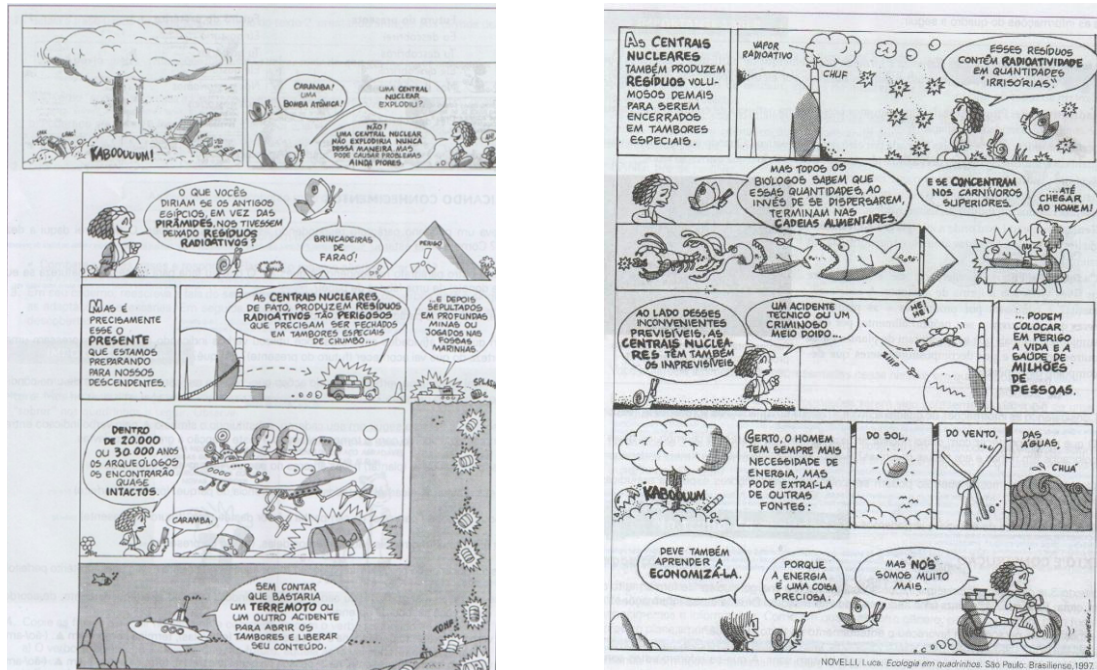


Fonte: Novelli (1994)

A análise do texto foi iniciada com as seguintes perguntas orais: *O que é possível ver na imagem? Qual(is) ações se realizavam? Se eram ações positivas ou negativas? Que ideia a imagem de fato representava? E que atitude se esperava dos alunos?*

A seguir, houve a leitura de outra HQ – Ecologia em quadrinhos, também criação de NOVELLI, selecionada, no livro didático nas páginas 204 e 205.

Figura 2 - Ecologia em quadrinhos - 2



Fonte: Novelli (1994)

Esse texto serviu de motivação para mostrar a importância da leitura imagética na produção das HQ. As imagens provocam no aluno o poder de relacionar, selecionar, interpretar. Inicialmente, explorou-se a diferença/semelhança com o primeiro texto analisado, com as perguntas: *Qual a ideia central? As informações foram expostas em ordem de sequência? A exposição do personagem favoreceu o entendimento do texto? Por quê? Na história em quadrinhos, apareceram palavras que representam sons? A que se referem esses sons, na história?*

Depois dessas atividades, nas duas aulas seguintes, aplicou-se o “TESTE DIAGNÓSTICO”. Era uma montagem de nove (09) quadros, cujas imagens dialogavam com o tema “NATUREZA”, temática abordada nos quadrinhos de Novelli, trabalhados inicialmente na apresentação.

Foi solicitado que os alunos fizessem uma leitura silenciosa das imagens. Em seguida, foi escrita na lousa a consigna com os passos para a produção da narrativa, a partir dos elementos composicionais das histórias em quadrinhos. O teste foi realizado individualmente, seguindo os seguintes critérios de avaliação: i) atendimento ao tipo de texto e desenvolvimento do tema; ii) escolha adequada do título; iii) seleção e organização das informações; iv) progressão textual; v)

unidade de sentido; vi) pontuação; vii) ortografia; viii) escolha/adequação lexical; ix) aspectos gramaticais (concordância nominal /verbal); x) propósito comunicativo; xi) consideração dos possíveis interlocutores.

Nas aulas 04 (quatro), 05 (cinco) e 06 (seis), retomou-se a questão proposta para verificar se os alunos perceberam a relação temática no texto adaptado para a produção que serviu como teste diagnóstico. Priorizou-se a oralidade como estratégia e, através de perguntas/respostas, o aluno era envolvido numa atitude de sujeito que tem voz, ponto de vista e direito a colocar sua opinião.

- **Quadrinho 1:** Qual sentido você atribui à imagem? Onomatopeia, o que é, e qual a importância dessa figura de linguagem para as histórias em quadrinhos?
- **Quadrinhos 2/3:** Apresentam uma relação com algum outro quadrinho?
- **Quadrinhos 4/5/6:** As imagens poderiam ser trocadas pelas onomatopeias para criação de sentido dos efeitos da natureza?
- **Quadrinhos 7/8/9:** A disposição desses quadros contribuiu para o entendimento do texto?

Nas aulas 07 (sete) e 08 (oito), foram distribuídas revistinhas de “Chico Bento”, da Turma da Mônica, de Maurício de Souza. Os alunos liam buscando os pontos de semelhanças e diferenças entre as HQ. Destacavam a relação temática, as características dos personagens e os elementos linguísticos, tais como pontuação, variedade linguística, tanto na história de Chico Bento como nas de Novelli.

Nas aulas 09 (nove) e 10 (dez), foi iniciada a produção de HQ e o Teste de saída. A produção das historinhas se deu individualmente, com o propósito de verificar o resultado da intervenção. Assim, a turma foi orientada para a construção das HQ, observando a temática “Preservação do meio ambiente” – Água, nossa de cada dia. Para elaborar uma história, era necessário que os alunos se apropriassem dos recursos estruturais e estilísticos do gênero, e para essa apropriação foram apresentados, através de material xerocado, todos os elementos: tipos de balão, de letras, onomatopeias, pontuação.

Inicialmente, os discentes diagramaram os quadros para a produção das historinhas em quadrinhos. Escolheram os personagens, cenário, colorido/ou não, história, título, tipo de balão, tipo de letra, pontuação, onomatopeias. Foram distribuídos os materiais necessários: papel, régua, lápis de cores, revistinhas. A turma foi organizada e individualmente a produção de histórias começou a ganhar forma. Foi uma atividade muito produtiva, principalmente no que tange ao

companheirismo. O processo de aprender a ser, aprender a conviver ficou muito evidenciado. Todos se ajudavam e animavam uns aos outros. Está-se na sociedade do compartilhamento, por isso houve partilha de tudo: medos, vergonhas, seguranças, frustrações. Mas, o objetivo principal foi atingido: conseguiram produzir as historinhas. Os alunos deveriam utilizar a maioria dos elementos constitutivos das HQ abordados ao longo das aulas anteriores. Para isso, foi-lhes dado um modelo para a escrita dos quadrinhos.

Com a monitoração do professor nesse processo de elaboração do texto escrito, o aluno teve a chance de ser crítico de si mesmo. Ele foi provocado a refletir sobre seus escritos. Entender os elementos organizacionais de um texto escrito. Saber o que e para que escrever. Como dizer o que na escrita? O conhecimento e as habilidades para a construção do texto escrito são processuais, adquire-se a fazer de forma progressiva e, assim sendo, exige do professor planejamento e aplicação. Por otimização espaço-temporal, destaca-se abaixo apenas a capa do livro que fora produzido pelos alunos.

Figura 3 - Capa do livro produzido pelos alunos



Fonte: Almeida (2019)

É mister enfatizar que toda essa produção obedeceu a uma sequência de ações cuja culminância se deu com os diferentes tipos de *feedback*, conforme propõe Soares (2006). A seguir, registra-se o quadro que fora validado para orientação da escrita das HQ.

Quadro 2 - Orientação da escrita das HQ

<p>Na lousa foram desenhados alguns quadros com os principais itens para escrever uma história em quadrinhos.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual o público leitor do texto? 2. Qual linguagem empregar no texto? 3. Qual a estrutura que o texto vai ter? 4. Onde o texto vai circular? 5. Identificar e caracterizar as personagens. 6. Decida se haverá ou não personagem protagonista (personagem principal). 7. Construa a história em quadros, definindo seu formato e sua disposição. 8. Planeje para que sua história seja organizada em nove quadros por página. 9. Escolha se produzirá os quadros em branco e preto ou em cores. 10. Crie um título de acordo com o conteúdo da história. 	<p>Avaliação: eu crítico de mim mesmo.</p> <ol style="list-style-type: none"> a) Retome os itens do quadro de planejamento e da lista de orientações. b) Revise o texto quanto à ortografia e pontuação. c) Observe se a montagem dos quadrinhos com seus balões permite a construção de sentido ou se há trechos que não foram contemplados na sequência e usos dos recursos próprios da linguagem de HQ. d) Defina as cores, ocupação do espaço em cada quadrinho, harmonia visual da página. e) Verifique a legibilidade dos textos dos balões. 	<p>Avaliação: Reescrita Autores - texto - professor Observar se todos os itens foram devidamente checados para que o texto siga para a arte final</p>
---	---	---

Fonte: Almeida (2019)

A produção escrita dos alunos foi analisada como meio de promover a aprendizagem significativa e não apenas para a atribuição de um valor numérico. A escrita, geralmente, é entendida como ato de codificação de palavras, ou seja, um produto, atividade mecânica desvinculada da dimensão social e cognitiva.

Tratar a escrita enquanto atividade processual implica envolvê-la num movimento dialógico entre o aluno e o professor. Esse diálogo permite ao autor do texto (aluno) reavaliar sua escrita, levando-o a perceber e a dominar os diferentes processos de interligação dos textos. E para que essa atividade de escrita se realize, o aluno precisa ativar os conhecimentos prévios, enciclopédicos, linguísticos e textuais a fim de produzir textos ligados aos elementos composicionais do gênero, observando forma e conteúdo.

Para a análise das produções de entrada e saída, foi elaborado um barema, tomando como modelo o que fora utilizado nas aulas da disciplina Ensino da escrita: didatização e avaliação, em 2018.1. Esse Barema serviu de ferramenta de verificação/avaliação dos textos escritos pelos estudantes. Essas atividades tinham o objetivo de verificar se os educandos compreenderam as nuances do gênero trabalhado, sobretudo, se descobriram as possibilidades que a escrita oferece de praticarem a criatividade, a autonomia e a criticidade.

Quadro 3 - Barema de avaliação das HQ dos alunos

PARÂMETROS	NÍVEL 0	NÍVEL 1	NÍVEL 2	NÍVEL 3
1 ELEMENTOS LINGUÍSTICOS - Onomatopeia; - pontuação; - ortografia;	O aluno desconhece as normas de aplicação dos elementos linguísticos.	O aluno valida estruturas rudimentares, sendo seu texto marcado por graves problemas de gramática, com estruturas sintáticas impróprias à série que estuda e frequentes desvios de pontuação e registro.	O aluno lança mão de alguma organização sintática, mas compromete o texto com seleção pouco adequada do léxico, desvios de ortografia, de pontuação e usa onomatopeias de forma inadequada ao contexto.	O aluno, de modo geral, demonstra seleção/adequação do léxico, da ortografia, da pontuação, e usa onomatopeias de maneira adequada ao contexto de produção.
2 ELEMENTOS DE TEXTUALIZAÇÃO - atendimento ao tipo de texto; - atendimento à temática; - progressão textual; - unidade de sentido (coerência).	O aluno não atende ao tipo de texto proposto e não articula informações.	O aluno usa elementos de outros tipos de texto, destacando informações que não colaboram para a progressão textual, demonstrando ainda inadequação à temática proposta.	O aluno, embora faça uso de certa progressão textual, ainda demonstra dificuldade em organizar as ideias. Prejudica a unidade de sentido, mas ele atende à temática proposta.	O aluno desenvolve texto apropriado ao tema e tipo propostos, com articulação de sentido e progressão textual.
3 ELEMENTOS PRAGMÁTICOS - propósito comunicativo; - adequação ao tipo de texto; - consideração dos possíveis interlocutores.	O aluno não deixa claro o seu propósito comunicativo, nem atende ao tipo de texto, nem considera os eventuais leitores imediatos (professor e colegas).	O aluno já demonstra ter noções de como anunciar seu propósito comunicativo, mas não consegue adequá-lo ao tipo de texto solicitado, nem considerar o tipo de leitores (professor e colegas).	O aluno destaca o propósito comunicativo com relativo atendimento ao tipo de texto solicitado e já antevê o tipo de leitores de seu texto (professor e colegas).	O aluno apresenta o propósito comunicativo de seu texto com propriedade, obedece às particularidades do tipo solicitado e considera os leitores/interlocutores imediatos (professor e colegas)

Fonte: Almeida (2019)

Os resultados obtidos mostraram pontos positivos e negativos. Para a maior parte dos alunos, houve reflexão e tomada de atitude nos quesitos ‘melhorar a leitura para ampliar a habilidade de escrita’, ‘adequar-se às regras da escrita padrão da língua portuguesa’. Esse grupo de alunos reconheceu que a escrita não é uma transcrição da fala, e que é preciso adequar tanto a fala quanto a escrita a diferentes contextos da vida social. Com a atitude desse grupo, a meta de intervenção da sequência didática foi parcialmente alcançada, mas não conseguimos alcançar todos. Alguns não sentiram a mesma motivação, e por isso não aceitaram as orientações, optaram por continuar no mesmo lugar, sem reconhecerem suas de-

fasagens quanto ao processo progressivo das práticas de leitura e de escrita. Inclusive, não produziram as historinhas em quadrinhos para a publicação na revista, descumprindo a proposta feita na apresentação do projeto. A seguir apresentamos de maneira comparativa os resultados obtidos nos testes de entrada e saída.

Tabela 1 - Comparativa dos resultados obtidos – Teste de entrada e saída

Nível 0	Nível 1		Nível 2		Nível 3	
	Entrada/Saída		Entrada/Saída		Entrada/Saída	
Parâmetro 1	0%	0%	34,37%	34,62%	62,5%	53,78%
Parâmetro 2	3,13%	0%	43,75%	7,7%	46,87%	80,70%
Parâmetro 3	0%	0%	37,5%	11,6%	59,37%	76,8%

Fonte: Almeida (2019)

Os resultados finais mensurados em números percentuais na tabela acima refletem o longo caminho que se tem a percorrer enquanto professor de língua materna, o meio e o como alcançar o final desse caminho já foram desenhados com a aplicação desse trabalho. O fomento à leitura e à escrita como processo deve ser o instrumento primeiro para as práticas de sala de aula, no tocante ao ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa e suas convenções formais. O resultado dessa análise corrobora para a quase/total ausência da prática de leitura e escrita no dia a dia das aulas de Língua Portuguesa (LP).

Considerações finais

As práticas de leitura e de escrita estão defasadas, os alunos cada vez mais leem (principalmente) menos. Nessa problemática, a sequência didática visou a novas estratégias para que o alunado aumentasse o interesse por ler e escrever, porém de maneira lúdica, animada e dinâmica. Dessa forma, encontramos a HQ como ferramenta primordial para alcançar tal objetivo.

Os documentos oficiais que trazem as diretrizes e leis, ou seja, a fundamentação legal para o desenvolvimento do estudo, incentivam ao uso das HQ. A prática de leitura é condição indispensável para que os alunos desenvolvam um bom letramento, não há outra maneira que não seja por intermédio desse hábito. É ferramenta que firma a base escolar. Paralelamente, há o trabalho processual com a escrita, entre outras coisas, pertinente na redução dos erros ortográficos e eficiente na melhora do desempenho dos alunos não só na disciplina de língua portuguesa mas também nas demais.

As histórias em quadrinhos foram instrumentos usados na execução da sequência, por isso foram apresentados suas principais características e seus elementos estruturais a fim de que os alunos se tornassem capacitados a produzi-las. Os resultados da atividade revelam a importância das práticas de leitura e de escrita nas aulas de Língua Portuguesa com o objetivo de auxiliar os alunos a perceberem a relevância da leitura para que desenvolvam a habilidade de escrita nos padrões convencionados pela língua materna. A observância dessas práticas didáticas se faz necessária para a formação do cidadão capaz de atender às demandas exigidas pela sociedade letrada do século XXI.

O ensino de LP pautado na leitura de texto, no caso HQ, precisa ter espaço na formação básica, pois, sabe-se que para muitos alunos da rede pública, o único acesso possível para leitura é o oferecido nos manuais didáticos. As leituras dos textos adaptados para o suporte do livro didático são recortes de capítulos que muitas vezes não produzem sentido algum, os quais são usados, praticamente, para análise dos elementos linguísticos de identificação de nomenclaturas.

Pensar o ensino a partir da tríade leitura, escrita e avaliação em permanente diálogo professor-aluno-professor exige dos sujeitos envolvidos no processo uma dinâmica interativa capaz de romper com o modelo até então instituído e legalizado pela escola tradicional brasileira. Ou seja, o aluno escreve para obter uma nota, sem nenhuma avaliação formativa, que vise sua melhoria constante. Logo, é necessário que o educando saiba reconhecer as dificuldades presentes nos erros e reveladas como termômetro para orientar o ensino aprendizagem (PASSARELLI, 1995).

Executar essa sequência torna o professor conscientes do caminho que tem de percorrer no sentido de transformar as aulas de língua portuguesa num lugar onde a leitura e a escrita sejam a mola propulsora capaz de auxiliar os alunos no desenvolvimento adequado da língua materna em todas as situações de interação oral ou escrita.

Referências

ALMEIDA, Maria de Lourdes Oliveira. *Produção de histórias em quadrinhos (HQ) no processo de aprendizagem da leitura e da escrita*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação Profissional em Letras (Profletras). São Cristóvão, Sergipe, 2019.

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro & interação*. 7. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Língua Portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

_____. *Resolução n. 2*, de 7 abril de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino fundamental. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 abr. 1998a.

_____. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*: Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02>>.pdf. Acesso em: 10 mai. 2017.

_____. Ministério da Educação. *Base Nacional Curricular Comum*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>, 2017. Acesso em 10 mai. 2018.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 1990.

_____. *Alfabetização e Linguística*. 11 ed. São Paulo: Scipione, 2009.

IDEB/INEP. Disponível em: <<https://is.gd/Zqq9VB>>. Acesso em 01 set. 2018.

NOVELLI, Luca. *Ecologia em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *História em quadrinho*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

OLIVEIRA, Tania Amaral. [et al.] *Língua Portuguesa: 6º ano*. 4. ed. São Paulo: IBEP, 2015.

PASSARELLI, Lilian Chiuro. Leitura como letramento: para além da alfabetização. In CINTRA, Anna Maria Marques (Org.). *Leitura e produção de textos*. São Paulo: Blucher, 2011.

_____. A relação interativa versus o desafio do professor avaliar. *Revista da APG Associação dos Pós-Graduandos da Pontifícia Universidade de São Paulo*. Ano IV, n. 7. São Paulo, p. 218-227, 1995.

RAMOS, Paulo. Recursos de oralidade nos quadrinhos. In: ELIAS, Vanda Maria (Org.). *Ensino da língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 79-101.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, na escola e inclusão*. São Paulo: Parábola, 2009.

SCHNEIDER, Elinéia Fernanda Cordeiro. *História em quadrinhos em sala de aula*. Trabalho de Conclusão de Curso. Especialização em Mídias Integradas na Educação, da Universidade Federal do Paraná, 2011. Disponível em: <<https://bit.ly/2xAwuIw>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

SCHNEUWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim e col. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização e Letramento*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Doris de Almeida. *Produção e revisão textual*. Um guia para professores de português e de línguas estrangeiras. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2009.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leitura*. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

VERGUEIRO, Waldomiro. RAMOS, Paulo (Org.). *Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9º arte*. São Paulo: Devir, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro. A linguagem dos quadrinhos: uma “alfabetização” necessária. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 31-64.